

### AULA 3 – 21/03/2012 – Televisão e narrativas contemporâneas

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A TV como prática de narrativa de nosso tempo. *Revista E*, São Paulo SP, v. 163, p. 39-41, 01 dez. 2010. Disponível em:

[http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas\\_link.cfm?Edicao\\_Id=389&Artigo\\_ID=5988&IDCategoria=6900&Reftype=2](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=389&Artigo_ID=5988&IDCategoria=6900&Reftype=2)

## A TV como prática narrativa de nosso tempo

por Rosa Maria Bueno Fischer

Desde minhas primeiras pesquisas sobre televisão e educação, nos anos de 1980 (portanto, nos últimos 30 anos, metade do tempo de "vida" da TV brasileira), observo que esse meio de comunicação tornou-se parte fundamental do cotidiano deste país.

Meus estudos com crianças e jovens, de diferentes camadas sociais, mostram o quanto esses grupos encontram nas narrativas da TV uma fonte que lhes parece por vezes imprescindível – de informação e de lazer, propiciando que se sintam efetivamente parte da vida social brasileira. Muito recentemente, visitei uma pequena cidade mineira (Lavras Novas).

Cruzando ora com um burro, ora com uma vaquinha que tranquilamente andavam pela rua principal da cidade, encontrei grupos de jovens reunidos junto à enorme cruz diante da igreja local. Eles esquentavam o corpo ao sol, num dia frio, conversavam animadamente. E me disseram: "A gente tá aqui esperando a hora da novela Ti-ti-ti". Já se haviam divertido com o pique-esconde e outras brincadeiras infantis, que seguem presentes na adolescência, e depois voltariam para casa, onde a TV e suas histórias os esperavam.

Não há dúvidas sobre a forte presença da TV em nossas vidas brasileiras. Se anos atrás ouvíamos que algo "realmente aconteceu", porque "deu no jornal", hoje dizemos que "saiu na TV", "eu vi na TV". Para o bem ou para o mal, é ali, na tela da TV, que encontramos tematizadas histórias fictícias ou fatos ditos "reais", os quais pautam nossas conversas e inclusive nossas opiniões e juízos.

Obviamente, isso não é tudo. Para quem como eu já trabalhou numa emissora educativa, do Governo Federal, é evidente que há vários problemas na TV brasileira, a começar pela concentração e centralização das grandes emissoras, o que provoca uma enorme padronização de modos de vida, de consumo e de relação com o mundo.

Quando assistimos a programas alternativos, de emissoras locais ou de tevês educativas e culturais, podemos constatar a real possibilidade de novas linguagens, a abertura de espaços a vozes diversas, além de outros usos do tempo, em telejornais, documentários, reportagens e também programas de ficção; ao mesmo tempo, constatamos a força das grandes emissoras e seus modos de narrar a vida brasileira (e de outros pontos do planeta), no sentido de também padronizar a própria maneira de fazer televisão.

Gosto de insistir na afirmação de que esse espaço, das mídias, e particularmente da TV, não é algo "fora" de nós, da família, da escola e de outros espaços institucionais. Trata-se, na TV, de narrativas que nos mostram como passamos a compreender de outro modo a velocidade do tempo, das informações, da comunicação com o outro, das próprias relações interpessoais, dos modos de ler e escrever, e assim por diante.

E não é somente o tema da velocidade que ganha outros contornos e marca nossas vidas com a TV: profundas alterações podem ser observadas nas concepções que passamos a ter a respeito de ser criança, adolescente, jovem, adulto; na maneira como olhamos para o nosso corpo e para o corpo dos outros e como os julgamos; nas práticas de consumo, cotidianas, em que quase sempre o bem que desejamos ou que adquirimos existe para nós não só como objeto de uso, mas principalmente como uma imagem que nos fascina e que "faz algo" conosco. Tudo isso tem a ver com novas formas de construir narrativas e também subjetividades em nosso tempo.

In the future everybody will be world-famous for 15 minutes. A frase do artista pop norte-americano Andy Warhol, nos anos de 1960, prenunciava a possibilidade de um dia simples mortais terem seus

breves minutos de fama: num telejornal, num programa de auditório, num debate, num comercial, num talk show. Os quinze minutos de Warhol, a meu ver, nos falam da espetacular transformação que experimentamos no que se refere à relação entre os espaços público e privado, especialmente com a presença da TV em nossas vidas.

Hoje, um dos modos privilegiados de estar no espaço público é estar na mídia, é estar na tela da TV, estar nas redes digitais, como se assim pudéssemos pertencer a uma ampla "comunidade", que nos acolhe tal qual uma grande "mãe cultural". Mas estamos de que modo nesse espaço "público" da mídia? Tudo indica que buscamos avidamente a exibição do que é mais pessoal, privado e cotidiano, como se pudéssemos colocar sob as luzes e diante das câmeras de TV a verdade mais íntima do ser humano, e nos olhar nela, insistentemente.

Os tais quinze minutos de fama chegaram, mas têm suas regras. Uma delas é a invasão da intimidade, o olho curioso das câmeras em direção ao que, até pouco tempo, permanecia ou deveria permanecer reservado a muito poucos, ou somente a cada um de nós, entre quatro paredes.

Penso que políticos, educadores, psicólogos – e tantos outros profissionais – se preocupam com a TV, justamente pelo fascínio das imagens, pela captura que suas narrativas fazem de nós, pessoas de todas as idades e níveis sociais. Por essa razão, imagino a necessidade de propostas muito concretas de como intervir em tal espaço, para além daquelas críticas que afastam ainda mais, especialmente a escola, desse lugar quase mítico das belas e intocáveis imagens, ou dos textos, rostos e figuras que, em circulação nas mídias, explicitamente excluem inúmeros grupos, milhares e milhões de rostos, cores, diferenças brasileiras.

Quando insistimos em estabelecer relações entre cultura, mídia e produção de sujeitos, na realidade estamos tratando de complexas lutas de poder, em nosso tempo. Em outras palavras: cada vez mais, hoje, estão em jogo na sociedade lutas simbólicas, lutas pela hegemonia de sentidos, lutas pela visibilidade de imagens, e que estão associadas a determinados grupos, a determinadas causas, a determinadas ações políticas.

Tudo isso tem a ver com relações de poder e com estratégias de resistência. Por exemplo: a mídia, especialmente a TV, tem insistido em "educar" os adolescentes, em dizer a eles o que fazer com seus corpos, com sua sexualidade, com sua vida política, e assim por diante. Há um imperativo, para as meninas, de que seus corpos sejam belos, de que seus cabelos sejam lisos, de que elas sempre estejam prontas a satisfazer o desejo do homem.

É preciso sublinhar que não é só a TV que produz esses discursos; eles circulam por diferentes lugares, e os meios de comunicação os transformam a seu jeito, produzindo outras enunciações, nas novelas, nos reality shows e telejornais.

É preciso não só fruir mas pensar a TV: ir além da TV, pensar sobre o que ela nos movimenta a ver e sentir, e ir adiante. Expor aos mais jovens outras possibilidades de encontro com bons materiais audiovisuais, oferecidos até pela própria TV; mostrar que há uma beleza de criação ali também; observar como um tipo de linguagem, que é do nosso tempo, fala de coisas tão importantes como a vida e a morte, os sonhos, os desejos mais profundos do humano; e como, por outro lado, muitas vezes isso não está presente nas narrativas da mídia, concentradas no superficial, no sensacionalismo, no espetáculo das vidas, muitas vezes vidas cheias de violência e pobreza.

"Viver é perigoso", já nos dizia Guimarães Rosa. Eu penso que um dos perigos do nosso tempo é este: deixar sem discussão a presença da TV, como se fosse tudo muito natural. Ora, o desejo dos anunciantes e das grandes emissoras não é necessariamente o desejo dos diferentes grupos sociais. Precisamos criar mecanismos, na sociedade civil, para exigir uma TV melhor, mais criativa, mais respeitosa conosco, com as majorias e as minorias deste país. Exigir qualidade (e pensar sobre o que nos é mostrado) não é exigir censura, é lutar por um direito legítimo.

**Rosa Maria Bueno Fischer** é jornalista, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Também autora dos livros *O Mito na Sala de Jantar: Discurso Infantil sobre a TV* (Editora Movimento, 1984) e *Televisão & Educação: Fruir e Pensar a TV* (Autêntica Editora, 2003).